

## **A PRODUÇÃO DE TESES E DISSERTAÇÕES SOBRE CENTROS CULTURAIS: RESULTADOS PRELIMINARES**

**Mario Fernandes da Silva<sup>1</sup>**  
**Luiz Octavio de Lima Camargo<sup>2</sup>**

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo apresentar os resultados preliminares de revisão bibliográfica da produção acadêmica sobre o tema no Banco de Dissertações e Teses da CAPES, de 1987 a 2010. O levantamento de dados foi realizado no dia 05 de setembro de 2011, englobando dissertações e teses desde 1987 até 2010, nas quais se encontra a expressão exata “Centro Cultural” no título e/ou palavra chave e/ou resumo, resultando em 116 teses/dissertações. Constitui, ainda, um recorte de dissertação de mestrado em andamento, em que se busca identificar, como resultado final, os conceitos de cultura embutidos nesses estudos. Tais resultados preliminares mostram que a produção está em crescimento tanto nos programas de universidades públicas como privadas, mas que, em geral, optam por abordagens que não questionam os conceitos de cultura embutidos no planejamento e na ação desses centros.

**Palavras-chave:** Cultura. Centro cultural. Ação Cultural. Revisão bibliográfica

### Introdução

Este artigo resulta do percurso acadêmico dentro do Programa de Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi, com vistas à elaboração de dissertação de mestrado. A ambição inicial era de propor um estado da arte da produção bibliográfica sobre o tema dos centros culturais. Este propósito reduziu-se posteriormente para algo mais modesto: uma revisão bibliográfica de teses e dissertações e, ainda assim, apenas aquelas que constam do Banco de Dissertações e Teses. Se estas não representam a totalidade do conhecimento existente, como seria a pretensão de um verdadeiro estado da arte, traz, em contrapartida os horizontes do tema no Brasil e para onde caminham as pesquisas.

---

1-Mestrando em Hospitalidade – Universidade Anhembi Morumbi. E-mail: mfsprof@ig.com.br.

2- Docente do programa de Mestrado em Hospitalidade – Universidade Anhembi Morumbi e do Bacharelado em Lazer e Turismo da EACH – USP Leste. E-mail: octacam@uol.com.br

O objetivo central desta comunicação é, pois, apresentar os resultados preliminares obtidos a partir da análise da produção das teses e dissertações que se vincularam ao tema dos Centros Culturais.

Esclareça-se, também, que o objetivo da dissertação vai além da mera coleta e análise de dados da bibliografia produzida. Na verdade, a questão colocada é a seguinte: segundo tais estudos, a qual ou quais conceitos de cultura os centros culturais se reportam? Afinal, cultura é termo polissêmico o suficiente para exigir uma elucidação do significado pontual do seu uso. Assim, o resultado final da dissertação trará com mais detalhes a presença ou não desses estudos e, se for o caso, a consequência dessa lacuna para o planejamento e operação desses equipamentos urbanos.

Este artigo seguirá, assim, o seguinte arrazoado: após a descrição dos referenciais metodológicos, segue-se um resumo do referencial teórico utilizado, dos resultados preliminares e das considerações finais.

#### Material e Métodos

O levantamento de dados foi realizado no dia 05 de setembro de 2011, englobando dissertações e teses desde 1987 até 2010, nas quais se encontra a expressão exata “Centro Cultural” no título e/ou palavra chave e/ou resumo. Levantaram-se 116 teses/dissertações que serviram de base para a pesquisa sobre “Centros Culturais”.

O uso de dissertações e teses para revisão bibliográfica tem certamente algumas limitações. As principais são a falta de assertividade e de lógica de muitos resumos, a adequação das palavras-chave ao conteúdo do resumo em relação à tese ou dissertação em si. Nem por isso são menos importantes que as pesquisas em bases de dados mais amplas. Conforme (Ferreira, 2002, p.268).

deve-se reconhecer que os resumos oferecem uma história da produção acadêmica (...) possível de ser narrada através da realidade constituída pelas dissertações de mestrado e teses de doutorado, e que jamais poderá ser aquela narrada pela realidade vivida por cada pesquisador em sua pesquisa.

Ainda sobre pesquisas de estado da arte, Laranjeira (2003) considera inadequada a utilização deste termo em pesquisas feitas em língua portuguesa, pois a tradução para o português do termo *State of Art* não dá conta de comunicar na nossa língua a complexidade que

de fato existe em pesquisas que se utilizam desta metodologia. Isto posto optou-se neste artigo pela utilização de análise da produção bibliográfica sobre “Centro Cultural” ao invés de Estado da Arte sobre “Centro Cultural”.

Outro autor Nicolas Terry (1990) corrobora com este ponto de vista indicando que há uma falta de esclarecimento sobre o real significado sobre a metodologia de estado da arte.

Desta forma, parece relevante apresentar que a finalidade desta metodologia é mapear o estado atual das pesquisas na área que se pretende pesquisar, conforme apresenta Ferreira (2002):

Definidas como de caráter bibliográfico, elas parecem trazer em comum o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado e teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários. (Ferreira, 2002, p258).

A mesma autora menciona que nos últimos anos têm-se produzido um número significativo de pesquisas com esta abordagem, que preenchem uma lacuna epistemológica com a qual se depara o pesquisador, excluindo a sensação de não se conhecer os campos de estudo com os quais se pretende debruçar. Neste sentido, este tipo de estudo tem sua relevância, pois apontaria ao pesquisador interessado um panorama do que já foi produzido, para a partir disso alçar novas questões sobre o que ainda não foi explorado. (FERREIRA, 2002).

Sobre as limitações desta metodologia, Ferreira (2002) expõe que existe a dificuldade em verificar a assertividade dos resumos de teses e dissertações presentes nos bancos de dados e catálogos bibliográficos. Desta forma muitos são os resumos que não apresentam um quadro claro do conteúdo da pesquisa. Assim, Ferreira (2002) propõe dois momentos na pesquisa: primeiro levanta-se a produção acadêmica, através da qual o pesquisador quantifica e identifica o material colhido; num segundo momento, deve-se traçar “tendências, ênfase, escolhas metodológicas e teóricas, aproximando ou diferenciando trabalhos entre si, na escrita de uma história de uma determinada área do conhecimento”. Aqui, ele deve buscar responder além das perguntas

‘quando’, ‘onde’ e “quem” produz pesquisas num determinado período e lugar, aquelas questões que se referem a ‘o quê’ e o ‘como’ dos trabalhos” (FERREIRA, 2002, p.265).

Diante das dificuldades apontadas, e considerando as limitações desta metodologia, optou-se por um recorte metodológico que limitasse ao máximo as variáveis intervenientes inerentes ao processo. O presente artigo se insere na perspectiva de contribuir com os estudos de estado da arte, embora não se denomine como tal, já que esta metodologia pode ser indicada em qualquer trabalho de investigação científica, pois sendo feita poderá oferecer subsídios para outros estudos que se propõe investigar a área em questão.

#### Os Significados da Cultura

Os que são os centros culturais, como surgiram, sobre quais conceitos de cultura repousam e como articulam essa noção a de ação cultural? O objetivo desta reflexão é, pois, encaminhar uma resposta a essas questões, desde já informando que se trata de parte do referencial teórico de dissertação em processo.

Segundo Teixeira Coelho (1986), no século XIX foram criados os primeiros centros de cultura ingleses, chamados de centros de arte. Estes espaços já assumiam a prática da ação sociocultural que foi privilegiada pelas políticas culturais dos países socialistas europeus no século XX. Mas, somente no final da década de 50, na França, foram lançadas as bases do que contemporaneamente entende-se como ação cultural e

equipamento cultural entendendo-os como edificações destinadas a práticas culturais (teatros, cinemas, bibliotecas, centros de cultura, filmotecas, museus), quanto grupo de produtores culturais abrigados ou não, fisicamente, numa edificação ou instituição (orquestras sinfônicas, corais, corpos de baile, companhias estáveis, etc.). (Coelho, 1997, p165).

Qual a noção de cultura sobre a qual estes equipamentos são planejados e implantados? Resumindo, há que se distinguir, com Jaeger (1989, p.6) a cultura nos seus sentidos formativo e descritivo. Esta última é a que orienta os estudos antropológicos, englobando todas as formas de subsistência e de existência de uma dada população. Já a cultura no sentido formativo descende em linha reta da *paideia* da Grécia clássica. Logo o sentido formativo da palavra cultura se depara com o impulso criador do povo, ou seja, da humanidade hoje, como se entende o mundo, como se

percebem uns aos outros, porque se faz isso ou aquilo, porque se aprecia o belo, enfim está ligado com a forma de vida que palpita nos dias de hoje.

Segundo Jaeger (1989)

foi sob a forma de *paidéia*, de cultura, que os Gregos consideram a totalidade da sua obra criadora em relação aos outros povos da antiguidade de que foram herdeiros. (Jaeger, 1989, p.06).

Nessa breve citação abre-se o caminho para a noção de criação que será mais clarificada adiante. Pode-se apontar duas “categorias” para as definições ou conceitos de cultura: uma delas: estaria ligada a noção antropológica descritiva e outra estaria ligada a um ideal de cultura como princípio formativo. (Jaeger, 1989).

Sobre a noção antropológica descritiva, a hoje mais habitual das noções, entende-se a cultura não no sentido de um ideal, mas numa acepção mais ampla que se estende a todos os povos, inclusive os primitivos. Segundo Jaeger (1989)

hoje estamos habituados a usar a palavra cultura não no sentido de um ideal próprio da humanidade herdeira da Grécia, mas antes numa acepção bem mais comum, que se estende a todos os povos da Terra, incluindo os primitivos. Entendemos assim por cultura a totalidade das manifestações e formas de vida que caracterizam um povo. (Jaeger, 1989, p.06)

Sobre o sentido formativo da noção de cultura, vale a distinção histórica entre o mundo pré-helênico e o mundo que se inicia com os Gregos. A partir disso afirma-se que os Gregos foram os criadores da idéia de cultura, que se origina na noção de *paidéia* não como um aspecto exterior à vida, deslocado do sujeito.

Logo o sentido formativo da palavra cultura se depara com o impulso criador do povo, ou seja, da humanidade hoje, como se entende o mundo, como se percebem uns aos outros, porque se faz isso ou aquilo, como se aprecia o belo. Enfim, esse sentido está ligado à forma de vida que palpita nos dias de hoje. Sobre o principio formativo Jaeger (1989) argumenta:

Quanto maior é o perigo de até o mais elevado bem se degradar no uso diário, com tanto maior vigor sobressai o profundo valor das forças conscientes do espírito que se destacaram na obscuridade do coração humano e estruturam, no frescor matinal e com o gênio criador dos povos jovens, as mais altas formas de cultura. (Jaeger, 1989, p. 7).

Percebe-se então que há claramente um apontamento para algo que não é dito, mas que está e estará presente na estrutura da sociedade contemporânea, que foi forjada desde a civilização grega.

Para Cunha (2010), o conceito de cultura ligado às ciências sociais remete aos estudos de Pierre Bourdieu (2007). Nesta visão, a noção de cultura explica-se a partir da interlocução de estrutura, *habitus* e práticas.

O primeiro diz respeito àquelas regularidades que são associadas a instituições e ambientes sociais (modos de produção e consumo de bens materiais ou abstratos, relações familiares, etc.). Tais estruturas produzem *habitus*, que é uma maneira de ser, um sistema de disposições duráveis capazes de funcionar como estruturas estruturantes, quer dizer como princípios de geração e de estruturação de práticas, e que ao longo do tempo acaba por funcionar, inconscientemente, como um princípio ao mesmo tempo arbitrário e interiorizado. As práticas, finalmente, são o resultado dialético entre uma estrutura e um *habitus* perante uma situação real ou concreta. (Cunha, 2010, p. 17)

Uma segunda acepção do termo apresentado por Cunha (2010) trata da ação de cuidar cultivar, não mais a terra, mas o espírito, o intelecto, os conhecimentos. Neste caso, o conceito de cultura está relacionado com a verdade de um conhecimento, com o bem de uma ação moral e com a beleza de uma representação artística. Complementar a essa idéia, o mesmo autor sugere ainda que o mundo da cultura seria o da contemplação, o da sabedoria, da memória, do bem, da verdade e do belo, seria, portanto um ideal.

Segundo Cunha (2010), há um possível paralelo entre cultura e civilização dentro do chamado processo civilizador, na forma concebida por Norbert Elias (1990), que aponta que para civilização cabe o sentido de urbanidade, polidez, educação de hábitos sociais e aprimoramento da sensibilidade. Enquanto que para cultura caberia um conjunto de produtos criados pela ciência, pela arte e pela religião.

Outro sentido para a palavra cultura seria aquele ligado às manifestações que tem origem na língua, com suas variações dadas pelos comportamentos sociais ou hábitos do cotidiano,

ficando mais evidentes nas criações artísticas ou artesanais populares, portanto sob certo ponto de vista, conclui o autor que cultura é aquilo que se atribui uma espécie de essência espiritual, que distingue e provoca um sentimento de pertencimento étnico ou nacional, isso recentemente daria origem à reivindicação atual pelos direitos culturais de um determinado povo. (Cunha, 2010)

Os centros culturais naturalmente são herdeiros dessa polissemia dos conceitos de cultura e de ação cultural. Podem partir de uma noção socioeducativa e assim privilegiar todas as manifestações culturais da população a que serve. Mas podem ser também segregadores quando se imaginam os únicos representantes da “alta cultura”, excluindo dimensões importantes da cultura contemporânea, como o esporte e a atividade física em geral.

No que diz respeito à noção de cultura, desde a década de 1950 edifícios consagrados às práticas culturais, sobretudo artísticas, e, por isso mesmo, designados centros culturais vêm se tornando item essencial no planejamento urbanístico e uma grife na competição de prestígio entre as cidades. Mas qual a noção de cultura sobre a qual estes equipamentos são planejados e implantados?

Esta dicotomia da noção descritiva e formativa da cultura também é abordada por Santos (1996). Para o autor, o termo pode estar associado a estudo, educação, formação escolar, portanto um sentido formativo. Pode também incorporar as manifestações artísticas, tradicionais de um povo, suas festas, cerimônias, lendas e suas crenças. O autor finaliza ampliando seus sentidos, posicionando-se no significado de cultura “de maneira mais genérica, preocupado com tudo o que caracteriza uma população humana” (Santos, 1996, p.22). O mesmo autor ainda indica que “o que importa é que pensemos sobre os motivos de tanta variação, que localizemos as idéias e temas principais sobre os quais se sustentam”. (Santos, 1996, p22)

#### Resultados Preliminares

Buscou-se identificar aspectos aglutinadores que pudessem ajudar a traçar o perfil das pesquisas. Preliminarmente essa leitura indicou que da amostra inicial de 116 pesquisas, 24 não apresentavam o sentido esperado para a expressão “Centro Cultural” que se buscava no presente estudo, então a partir daí a amostra a ser considerada passou para 92 pesquisas.

A opção da exclusão dos 24 estudos da amostra válida se justifica, pois a expressão “Centro Cultural” está mencionada apenas como referência de endereço para o estudo, atrativo turístico local, obra realizada por um determinado artista, fonte de pesquisa de documentação existente sobre um determinado acontecimento, etc. Este estudo centra-se, pois, numa amostra de 92 pesquisas.

A cronologia permite apontar ao longo do tempo, portanto no período de 1987 a 2010, como o interesse no assunto tem se manifestado na esfera acadêmica.

Período	Nº de estudos	% em relação ao total
1987 a 1990	02	2,8
1991 a 2000	16	17,3
2001 a 2010	74	80,04

Pode-se observar que houve um crescente interesse na área ao longo do tempo. Há, ainda, uma concentração de estudos na última década, indicando que o tema passa a ganhar maior relevância, na medida em que os próprios Centros Culturais também começam a ter papel de destaque na sociedade.

A distinção entre dissertações e teses também são indicadores do interesse pelo tema.

Nível	Nº de estudos	%
Dissertações	13	14,1
Teses	79	85,9

Os dados, como esperado, apresentam uma ampla predominância de estudos em nível de mestrado. Isso pode indicar que há espaço para um maior aprofundamento teórico sobre o tema ou que o tema pode estar sendo tratado como porta de entrada para pesquisas acadêmicas e que, sem dúvida, essa defasagem pode ser corrigida com o tempo.

Quanto à natureza das instituições que abrigaram esses estudos, nota-se uma ampla predominância de estudos realizados em instituições públicas: 74% contra 26% de estudos realizados em instituições privadas. Isto reflete em certa medida a realidade da produção acadêmica no país, na qual há uma predominância de pesquisas sendo realizadas em escolas de caráter público.



IX Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
30 de agosto e 01 setembro de 2012 – Universidade Anhembi Morumbi - São Paulo

Instituições	Nº de estudos	%
Privadas	24	26
Públicas	68	74

Quanto ao financiamento, pode-se dizer que já há uma sensibilidade das agências de fomento sobre a importância do tema.

Agente financiador	Nº de estudos	%
Sem financiamento	56	60,8
Capes	21	22,8
CNPq	07	7,6
Outros	08	8,6

Infelizmente não se puderam cotejar esses resultados com os pedidos de financiamento recusados nem com os resultados da pesquisa assentada em outros temas. Mas, como essas agências insistem em repetir, o que faltam são projetos e, sobretudo projetos bem elaborados.

A prevalência do aparecimento da expressão “Centro Cultural” pode indicar em que nível de importância o “Centro Cultural” teve para o estudo. Avaliou-se, portanto, se a expressão apareceu somente no título, nas palavras chaves, no resumo, ou na combinação destes possíveis locais. Então seria o estudo mais substantivo aquele em que aparece a expressão no maior número de locais e o menor onde a expressão é mencionada apenas em um local. Esta análise encontra-se representada na tabela abaixo:

Uso do termo Centro Cultural	Nº de estudos
Título/Palavra Chave/Resumo	12
Título e palavra-chave	14
Título e resumo	76
Palavra-chave e resumo	64
Título	14
Resumo	62
Palavra-chave	12

Identifica-se uma significativa prevalência pelo aparecimento da expressão no resumo. Indica-se, portanto, que a expressão “Centro Cultural” não foi tão substantiva como se esperava.

Tal fato pode manifestar que os estudos apontados ainda não têm o “Centro Cultural” como principal foco de pesquisa, havendo, portanto amplo campo a ser investigado sobre o assunto.

No que se refere às áreas do conhecimento, na temática da ação cultural, foram produzidos 11 estudos no campo das ciências da comunicação: Cabral (1989), Gorczewski (2002), Ramos, (2007), Feitosa (1996), Xavier (2009), Oliveira (2009), Ansarah (1988), Nogueira (2005), Dias (2006), Dantas, (2003). Da área da educação são 10 (dez) estudos: Argrigh (1995), Marcondes, (1996) Brandão, (2004), Silva (2010), Paes (1999), Carvalho (2005), Silva (2007), Corrêa (2008), Meira (2002) e Carvalho (2005). Ainda na área de educação, Bandeira (2010) investigou como o centro cultural, por meio de sua ação, influenciou na formação de jovens em situação de risco, na periferia da cidade de Fortaleza. Já o estudo de Oliveira (1989) vai mostrar por meio de um relato de experiência de um projeto de arte-educação, pode servir de estratégia educativa para o público em geral. Também na área da educação, Arantes e Silva (2010) visa apresentar um perfil do público atendido em centro cultural da juventude, mostrando como este público utiliza e de que modo este equipamento pode auxiliar na consolidação de novas ações empreendidas por estes jovens.

Na área das artes são 8 (oito) estudos: Ruiz (2005), Omar (2002), Maluf (2005) Orloski, (2005), Sulzbacher (2010), Porto (2009), Brilhante (2004) e Silva, (2004). Nas demais ciências aplicadas são 6 (seis) estudos: Aguiar (1988), Mendonça (2005) e Biscoli (2004), Cerqueira, (2006) e Oliveira (2009), Carvalho (2010) - este não é apresentado em redação acadêmica, mas sim sobre uma ótica ficcional. Oriundos da história são 5(cinco) estudos: Virino (2009), Sbeghen (2001), Pereira (2006), Nogueira (2005) e Pagani (2001). São 4(quatro) estudos da psicologia social: Vaz, (2009), Ferreira (2009), Lima (2009) e Iorio (2009). São 2(dois) estudos de administração: Reginato (1993) e Castro (2008). E finalmente ainda outros 5 estudos de outras áreas: Freitas (2005), Macêdo (2008), Santos (2008), Falcão (2004) e Prazeres (1996).

Nos trabalhos vinculados à área das ciências sociais aplicadas, Assis (2007) e Souza (2008), têm no Centro Cultural Banco do Brasil seu objeto de pesquisa e ambos vão discorrer sobre o impacto do investimento e os mecanismos decisórios para o investimento na ação cultural proposta por este centro. Também nesta área está o estudo de Chernicharo, (2010) que vai

investigar as dificuldades encontradas no setor administrativo do Centro Cultural Cartola em promover a ação cultural a que este centro se propõe. Na área de comunicação e ciência da informação, merecem destaque o estudo realizado por Cenni (1991) que apresenta um quadro comparativo com as características organizacionais e de planejamento de três importantes centros culturais da cidade de São Paulo, o Centro Cultural São Paulo, o Museu Lasar Segall e o SESC Pompéia. Destaca-se também o trabalho de Assis (2010) que analisa o papel de centros culturais na cidade de Belo Horizonte, apresentando como estes funcionam e se estruturam na construção de uma rede voltada para o acesso à cultura na capital mineira.

Os trabalhos de Ferreira (2000), Mussel (2004) e Claudio (2007), estão voltados à compreensão do discurso ideológico, da formação da identidade e das tentativas de implantação de políticas culturais realizadas por centros culturais.

Na área da administração encontram-se nesta categoria os estudos de Lemos, (1994), Carneiro (2008) Mantovan (2010) todos estão preocupados em analisar o processo decisório, modelo de gestão e o papel da liderança no gerenciamento das organizações, enfatizando os modelos existentes para atender a demanda imposta de promoção da ação cultural.

Na área da História, encontra-se o estudo de Pereira (2005), que analisa como a ação dos centros culturais influenciou, ao longo das épocas, as manifestações culturais e a própria noção de cultura.

Finalmente há um estudo realizado por Mansur (2003) que se trata de um projeto isolado, portanto não pertencente a nenhuma área específica. Este estudo mostra como as leis de incentivo influenciam no estabelecimento de uma política cultural, neste caso no estado de Minas Gerais.

Sobre o planejamento de Centros culturais a área de maior prevalência é a de arquitetura e urbanismo, nesta área encontra-se 13 estudos. Nesta área de Silva (2000), Telles (2002), Smith, (2006) estudam e analisam criticamente o conceito dos projetos arquitetônicos de Centros Culturais.

Outros autores como Ribeiro (2000), Pereira (2007), Martins (2006), Gomes (2009) vão estudar principalmente as implicações arquitetônicas envolvidas num processo de restauro e ou

adaptações necessárias à implantação de um Centro Cultural. Semelhante a este enfoque está o dado por Oliveira (2006) que analisa as implicações de acessibilidade que devem ser considerados num projeto arquitetônico que irá abrigar um Centro Cultural.

Já os autores Castro (2007) e Carotenuto (2009) analisam as tecnologias de construção empregadas na execução de uma obra destinada a receber um Centro Cultural. Finalmente dentro da área de arquitetura e urbanismo ainda há que se considerarem os estudos de Dudeque (2009), Paula (2010) e Barbosa (2006) que analisam a relação entre a arquitetura destes centros com arquitetura local do espaço urbano ao qual eles estão inseridos.

Na área de comunicação encontram-se os estudos realizados por Akamine (1999) e Costa jr (2006) que buscam avaliar a construção da identidade destes centros junto à população local e como se dá esse processo a partir da avaliação de processos de comunicação entre o Centro Cultural e a população.

Outra área presente e a da educação que foi apontada nos estudos de Araújo (2010) e Rosa (2008). Nestes estudos busca se identificar a ação educativa influencia na constituição conceitual de um Centro Cultural.

Há espaço também para uma produção acadêmica oriunda das ciências sociais aplicadas, tais como estudos de Cunha (2003), Pozzer (2007), Santos (2010), Vieira, (2006), Vendramini (2006), Vieira (2004) e Pedrosa (2009). Nestes estudos há um variado enfoque, mas em linhas gerais busca-se refletir sobre a memória e o imaginário, sobre a inserção de edificações culturais no espaço urbano, sobre as alterações ambientais e culturais provocadas a partir da implantação de um Centro Cultural e sobre o enobrecimento urbano consequente a esta implantação.

Finalmente apenas o estudo produzido por Silva (1995) está relacionado à área de administração e busca analisar as características administrativas de instituições denominadas de Centro Cultural.

#### Considerações Finais

Em que pesem as limitações metodológicas do presente estudo e do seu caráter preliminar, pode-se apontar alguns resultados relevantes. Em primeiro lugar, nota-se uma crescente produção acadêmica sobre o tema – daí a necessidade de maior aprofundamento.

Em segundo lugar, curiosamente, embora os centros culturais sejam atrativos turísticos de grande importância e exista já um crescente número de estudos que relacionam cultura e turismo, não há nenhum estudo nessa área.

Em terceiro lugar, como era de se esperar, há predominância de dissertações em relação às teses, o que indica que o tema cada vez mais adquire o perfil dos temas já consagrados, com as dissertações sendo porta de entrada para as reflexões científicas.

A prevalência da expressão “Centro Cultural” não foi tão substantiva como se esperava. Tal fato pode manifestar que os estudos apontados ainda não têm o Centro Cultural como principal foco da pesquisa, havendo, portanto, um amplo campo de pesquisa sobre o assunto a ser realizado.

Ainda, a título de resultados preliminares, podem ser constatadas as seguintes tendências. Em primeiro lugar, o referencial teórico acima mostra que a designação centro cultural pode englobar uma multiplicidade de equipamentos urbanos, incluindo museus, bibliotecas, que cada vez mais assumem a vocação, não apenas de conservadores, mas também de produtores de cultura, com oficinas, cursos, etc.

Em segundo lugar, nota-se que, nos estudos levantados, os centros culturais privilegiam os campos intelectual e artístico da ação cultural, esquecendo o campo da cultura física, do lazer e, como já exposto, do turismo. As caminhadas, a ginástica e o esporte, as iniciativas de turismo social que, não raro, fazem parte da ação de alguns centros culturais, não seriam também campos a serem tratados na intersecção dos conceitos de cultura, ação cultural, turismo e lazer? Deve-se esquecer de que tais atividades devem ser tratados como cultura e como produtos de uma civilização?

#### Referências Bibliográficas

- Bourdieu, Pierre. (2007). *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk.
- Coelho, Teixeira. (1986). *Usos da cultura: políticas de ação cultural*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Coelho, Teixeira. (1997). *Dicionário Crítico de Política Cultural*. São Paulo: Ed. Iluminuras.
- Cunha, Newton. (2010). *Cultura e Ação Cultural*. São Paulo: Edições SESCSP.
- Elias, Nobert. (1990). *Sobre o Processo da Civilização, Investigações Sociogenéticas e Psicogenéticas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

IX Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo  
30 de agosto e 01 setembro de 2012 – Universidade Anhembi Morumbi - São Paulo

Ferreira, Norma Sandra de Almeida. (2002). As pesquisas denominadas “Estado da Arte”. *Educação & Sociedade*. Ano XXIII, n 79, Agosto.

Jaeger, Werner. (1989). *Paidéia A Formação do Homem Grego*. São Paulo: Editora Martins Fontes.

Laranjeira, Raymundo. (2003). *Estado da Arte do Direito Agrário no Mundo Contemporâneo*. Associação do Direito Agrário: Maranhão.

Santos, José Luiz dos. (1996). *O que é Cultura*. São Paulo: editora Brasiliense, 16ª edição, 1996.

Terry, Nicolas P. (1990). *State of the art evidence: From Logical Construct to Judicial Retrenchment*. Disponível em <http://law.slu/nicolasterry/NTPProf/stateart>. Acesso em março de 2012.